CÓDIGO HAYS E AS QUESTÕES DE GENÊRO EM QUANTO MAIS QUENTE MELHOR (1959)

Rodrigo José Rodrigues Maciel[1]

RESUMO

O presente artigo aborda a produção cinematográfica enquanto expressão das questões de gênero no final da década de 1950. A pesquisa tem como objetivo analisar de que forma o universo cinematográfico influencia e é influenciado nas questões de gênero da época. O estudo foi realizado a partir de uma pesquisa documental constituída por filmes dentro do recorte de atuação do Código Hays, lei que visava afirmar valores morais no cinema norte americano, proibindo qualquer menção a nudez, uso de drogas, miscigenação, uso impróprio da imagem do clero e "perversão sexual". Através das análises é possível compreender como era padronizada a feminilidade, a exemplo das personagens de Marylin Monroe e Jack Lemmon, dentro do discurso cultural e biopolítico da época.

Palavras-chave: Cinema, gênero, sexualidade

ABSTRACT

This article addresses film production as an expression of gender issues in the late 1950s. The research aims to analyze how the cinematographic universe influences and is influenced by gender issues at the time. The study was carried out from a documentary research consisting of films within the scope of the Hays Code, a law that aimed to affirm moral values in North American cinema, prohibiting any mention of nudity, drug use, miscegenation, improper use of the image of the clergy and "sexual perversion". Through the analysis it is possible to understand how femininity was standardized, like the characters of Marylin Monroe and Jack Lemmon, within the cultural and biopolitical discourse of the time.

Keywords: Cinema, gender, sexuality

[1] Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL; graduando em Licenciatura em História; E-mail: rodrigojrmaciel@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O cinema é capaz de desenvolver no indivíduo uma percepção mais crítica da realidade a sua volta, carregando consigo valores culturais do universo social em que ele é produzido ou da esfera que ele pretende representar. (OLIVEIRA e MACIEL, 2021) Quanto Mais Quente Melhor (Estados Unidos, 1959), dirigido por Billy Wilder foi produzido enquanto o Código Hays estava em vigor, código esse que censurava, entre outras coisas, qualquer palavra de cunho religioso, miscigenação e qualquer referência a perversão sexual ou questões de gênero. O filme de comédia estrelado por Marilyn Monroe, Tony Curtis e Jack Lemmon explodiu as bilheterias do cinema, indo contra os elementos rígidos do Código Hays, discutindo machismo e a objetificação dos corpos femininos.

É de suma importância analisar o cinema de ficção, que devido a sua natureza apelativa de extraordinária penetração social, acaba tendo um uso estratégico de propagar ideias para a realidade a partir das intenções das instituições dominantes. Rose (2001) afirma que ao analisar os efeitos sociais da filmografia, temos que nos atentar como as imagens materializam e fundamentam noções de classe, gênero ou sexualidade, mantendo foco sempre no contexto social em que o filme foi produzido, se atentando a sua dimensão como produto cultural. O cinema permite que se interaja com a construção da realidade, sendo possível que se use uma produção cinematográfica de ficção como um documento de pesquisa social e cultural, útil por conta de seu caráter político (REBOLLO, 2002, p. 98).

No início do século XX, associações religiosas protestantes e católicas iniciaram seu controle no conteúdo dos filmes hoolywoodianos, com a tese que tais filmes incentivavam maus comportamentos. Em 1934, foi criado um órgão chamado *Production Code Administration* (PCA), que aplicaria uma nova ordem sobre o cinema. Por conta do senador Will Hays, que formulou tal projeto de lei, as medidas de censura no cinema americano ganharam o nome de Código Hays (*Hays Code)*.

O PCA seguia três grandes princípios gerais: “1. No picture shall be produced which will lower the moral standards of those who see it. Hence the sympathy of the audience shall never be thrown to the side of crime, wrong-doing, evil or sin. 2. Correct standards of life, subject only to the requirements of drama and entertainment, shall

be presented. 3. Law, natural or human, shall not be ridiculed, nor shall sympathy be created for its violation" (Motion Picture and Distributors of America, Inc., 1934)[2]

Seguindo a ótica focautiana, a pesquisa seguiu a ideia de censura como uma forma de poder. O Código Hays articulava, de certo modo, um discurso através de leis, instituições e medidas administrativas, o que poderia ser ou não colocado em tela (FOUCAULT, 1979). Um exemplo de como ele agiu no filme analisado está nas cenas de romance, onde as palavras, gestos e poses deveriam estar de acordo com as regras pré-estabelecidas pela censura.

A personagem Sugar Kane, interpretada por Marylin Monroe, é marcada na trama por ser um sujeito feminino que provoca desejos nas figuras masculinas, agindo de forma infantil, ingênua e focada nas posses de seus pretendentes. Morin (1989) afirma que esse tipo de construção de personagem atua pela cultura de imagens para servir de inspiração ao público consumidor.

A imagem de Sugar é construída no filme como uma mulher que usa da sedução como uma forma de ascensão social. Mulvey (1996, p. 129), descreve o cinema estadunidense da década de 1930 como um reprodutor de cenas para o olhar masculino da época, valorizando a imagem sexualizada da mulher, onde o fator erótico seria o espetáculo desejado por conta da forte censura na época. Em algumas cenas ao decorrer do filme, a personagem adota uma postura infantil, sorridente, que combina, de certa forma, com seu nome, traduzido como "Docinho". Richard Dyer (*apud* LEV, 2003) sugere que a atração que Marilyn conseguia colocar nas cenas vinha dessa inocência que quebrava as expectativas do público entre sexualidade e culpa.

De acordo com Lev (2003), a indústria cinematográfica da década de 1950 sofria fortes pressões das agências de censura, como a *Production Code Administration (PCA)* e a Legião da Igreja Católica para a Decência, além da ação direta do estado, que cortavam cenas e falas dos filmes, visando os ideais puritanos e nacionalistas da época. Dentro desse contexto, Friederichs (2015, p. 84) aponta que a produção hollywoodiana seguia uma linha "insossa e conservadora em termos morais, estéticos e políticos".

[2] Documento consultado nos arquivos de Will Hays, na Universidade de Harvard (EUA)

Quanto Mais Quente Melhor estreou nos cinemas em uma época difícil para a censura americana. Por um lado, alguns estúdios começaram a reclamar que a medidas impostas a seus filmes impactavam diretamente a bilheteria, enquanto intelectuais e universitários levantavam uma mobilização social e discussão de temas proibidos como casamento interracial e a homossexualidade, chamada de perversão sexual na época (FRIEDERICHS 2015, p. 86). Isso explica cenas de comédia onde Sugar, personagem da Marylin Monroe, aparece como foco de piadas e insinuações sobre sexo dos personagens masculinos.

2 QUANTO MAIS QUENTE MELHOR

Quanto Mais Quente Melhor é fortemente inspirado em um filme alemão de 1951, chamado *Fanfaren der Liebe.* O filme em questão conta a história de dois músicos que vivem à mercê da própria sorte, encarnando diversos personagens para conseguir trabalho e continuar sobrevivendo. Próximo ao final do filme, os músicos se passam por mulheres para tocar em uma banda feminina. A partir desse ponto, Wilder e Diamond começaram a trabalhar um tom de comédia por cima dessa história, em uma tentativa bem sucedida de passar pela forte censura da época, situando o filme em Chicago no ano de 1929, fazendo referência ao período da Lei Seca e o Massacre de São Valentim.

A história gira em torno da dupla de músicos desempregados Joe e Jerry, estrelados por Tony Curtis e Jack Lemmon respectivamente. A dupla acaba presenciando o Massacre de São Valentim, iniciando uma caçada dos mafiosos contra os músicos, as únicas testemunhas do ataque violento. Graças ao empresário musical Sig Poliakoff (Billy Gray), Joe e Jerry arrumaram um emprego que permitisse uma fuga rápida da cidade. Buscando se juntar a uma banda de garotas da Sweet Sue (Joan Shawlee), a dupla se coloca em trajes femininos com Joe adotando o nome de Josephine e Jerry adotando o nome de Daphne. A vocalista da banda é a jovem Sugar Kane, vivida por Marilyn Monroe, que se torna o objeto de desejo de Joe que chega a se disfarçar do milionário Junior para conquista-la. Já Daphne conhece um milionário em Miami chamado Osgood III (Joe E. Brown) que rapidamente se apaixona por ela.

O filme funciona muito bem descrevendo a história através das situações cômicas em meio a questões íntimas e uma história de amor. O clímax se dá quando a gangue de mafiosos é assassinada, Sugar descobrindo que Josephine é Joe, que

não é milionário. Joe tem seu final feliz com sua parceira romântica enquanto Jerry desenvolve seu relacionamento com Osgood em um tom de aceitação e autodescobrimento, com o milionário destruindo todas as barreiras entre os dois: Daphne não podia ter filhos, Osgood quer adotar; Daphne fuma e Osgood não se importa; Daphne revela ser homem, e Osgood diz que ninguém é perfeito.

O sucesso do filme rendeu seis indicações ao Oscar em: figurino, roteiro, direção, filmografia, direção de arte e melhor ator para Jack Lemmon. No fim, o filme levou apenas o prêmio de melhor figurino, além de conceber um globo de ouro para cada um do trio de protagonistas. O filme também se destacou pela opção de ter sido gravado em preto e branco, diferente dos novos filmes coloridos e chamativos da época. Essa escolha se deu ao fato por conta disfarces da dupla de protagonistas ficar ainda mais convincente, indo contra a preferência de Marylin Monroe (MASLON, 2009).

Quanto Mais Quente Melhor, produzido e dirigido por Billy Wilder em 1959, sendo ambientada em 1929, carrega consigo alguns traços dos Estados Unidos pós-primeira guerra mundial e antes da quebra da bolsa de Nova York. O filme mostra o modo de viver da época com mulheres de cabelo curto em postos de trabalho, uma prosperidade econômica nos trajes de alguns personagens e reflexos da Lei Seca como disputas da máfia junto com o comercio clandestino de bebidas.

Friederichs (2015, p. 99) contextualiza o ambiente do filme no ritmo elétrico das evoluções tecnológicas, do cinema falado, surgimento das grandes fábricas, Picasso e Miró apresentando o surrealismo ao mundo de grandes empreendimentos na arte, música e no esporte. Mulheres fugiram de seus espartilhos com cabelos curtos, chapéus chamativos, maquiagem e toda a elegância que o cigarro podia empregar visualmente. Tudo isso como um novo modelo de beleza do corpo feminino, como aponta o historiador Vigarello (2006). Por conta tanto do contexto da década de 1920, a época que o filme retrata, podemos ver como os corpos eram idealizados, enquanto no contexto da década de 1950, onde o filme foi produzido, se tem o elemento proibido na sexualidade dos personagens.

Mesmo sendo considerado por muitos um dos melhores filmes de comédia de todos os tempos, Quanto Mais Quente Melhor (*Some Like It Hot)* se apresenta atualmente como uma comédia de época, permitindo que espectador entenda o filme como um espelho das práticas sociais do ano em que foi produzido (DUARTE 2002

p. 17). O filme também trabalha com o conceito de “desalienação dos sentidos” levantado por Carmo (2003, p. 86), modificando a visão de mundo do espectador para que ele se inquiete e veja o tema levantado pelo filme de forma mais crítica. Friederichs (2015 p. 87) alega que o filme constrói uma linha narrativa que dá brechas para o consumidor questionar as formas de ser e estar no mundo, principalmente focando na questão do corpo feminino.

3 QUESTÕES DE GÊNERO E O CÓDIGO HAYS

Em sua tese de doutorado, Friederichs (2015) afirma que o cinema se coloca como um dos espaços críticos para explorar os discursos sobre feminilidade, construindo um instrumento que pode ensinar modos de ser e viver, além de estabelecer hierarquias, binarismo e tautologias entre os corpos.

A comédia Quanto Mais Quente Melhor gira em torno de Sugar (Marilyn Monroe), Josephine (Tony Curtis) e Daphne (Jack Lemmon) e suas questões de biologia, feminilidade e questões de gênero. Essa proposta ia contra as normas de censura e vigilância do Código Hays que proibia qualquer menção a “perversão sexual”, ou seja, perpetuando a heteronormatividade, que na definição de Petry e Meyer (2011, p. 195), é uma noção de cultura onde temos um sistema binário de caracterização sexual baseado no comportamento esperado tanto para o sexo masculino quanto o feminino, excluindo qualquer indivíduo que não se enquadra na premissa sexo-gênero-sexualidade culturalmente instituída e socialmente naturalizada.

Outro ponto a ser citado é o protagonismo de um personagem que transita entre as fronteiras dos gêneros e das sexualidades, fugindo um pouco de protagonistas heroicos hollywoodianos que eram figuras masculinas e femininas heterossexuais que deveriam buscar uma identificação com o espectador (HADLEIGH 1996, p. 11). A dupla de protagonistas se transveste para fugir tanto da máfia quanto dos resquícios do Código Hays, desenvolvendo o que Louro (2008, p. 87) aponta como uma narrativa a partir da ótica positiva desses sujeitos buscando se autoconhecerem durante todo o filme.

Russo (1987) ao discutir sobre o espaço dos gêneros e das sexualidades dentro do cinema americano aponta para personagens estereotipados destinados a finais trágicos. Em Quanto Mais Quente Melhor, a dupla de protagonistas foge um

pouco desses estereótipos, provocando questões sobre a identidade heteronormativa, posições de gênero e corpo biológico, indo claramente de encontro com a posição dos órgãos de censura da época.

Boa parte da trama pessoal de Joe e Jerry vem do questionamento do que é ser “garota”. De como se vestir, agir e aparentar diante aquele universo social. O início do filme nos apresenta aos dois músicos desprovidos de características masculinas da época como, por exemplo, um bom emprego que lhe desse a capacidade de prover um bom status social e a atração feminina. Ao se depararem com a situação em que eles têm que se transformar em Daphne e Josephine para sobreviverem, a dupla compara o estado de ser mulher tão ruim quanto a própria morte nas mãos da máfia em diversos momentos do filme.

Diferente de seu parceiro Joe, Jerry começa a questionar sua feminilidade, naturalizando comportamentos ligados a figura feminina da época como fragilidade, delicadeza e emotividade, colocando ao espectador no papel de questionar o suposto caráter “natural” destas normas. Butler (2008, p. 268) nos ajuda a interpretar a performance de Jerry como uma decisão voluntária e arbitrária a partir do momento que ele toma seu relacionamento com Osgood. Para a autora, tanto o gênero quanto o sexo são efeitos de discursos, uma norma que se materializa no corpo do personagem citado. Ou seja, Butler mostra que é fundamental desconectar o gênero de uma essência biológica e que tanto o sexo masculino e feminino possui comportamentos ligados ao sexo oposto.

Ao falar de biopolítica, Foucault (2006) aponta o sexo como a matriz das disciplinas, um elemento que ajuda o indivíduo a realizar relações sociais. Jerry passa pelo efeito de verdade desses discursos, levando em consideração as normas dos gêneros da época em que o filme se passa, tendo seu comportamento questionado por Joe como real ou um ato performático.

Rebollo (2017) aponta para outras comédias afetadas pelo Código Hays que acabaram marcando as relações de gênero dentro do cinema. *Jejum de amor* (1940) retrata uma típica batalha de sexos, se utilizando muito bem da inversão de estereótipos masculinos e femininos do início dos anos 40. As figuras masculinas começaram a ser idealizadas em heróis de guerra e cowboys (LASALLE, 2002) enquanto as mulheres eram colocadas em papéis passivos e subordinados ao protagonismo masculino. A ação do filme consiste nessa troca de papel onde a

personagem Rosalind Russel (Hildy Johnson) toma o protagonismo para si, indo contra o modelo das personagens femininas da época.

Outro filme levantado pelo autor também na década de 40 é *Gilda (1946)*. O filme é protagonizado por Rita Hayworth que faz o papel de uma mulher temperamental que casa com o dono de um cassino ilegal, interpretado por George MacReady, e cuja a infidelidade estava dirigida a Johnny Farrel (Glenn Ford). Gilda, a protagonista, bebe e fuma, é gentil e sensual, se utilizando até mesmo da música para flertar, fugindo do estereótipo feminino pregado pelo Código Hays. As leis morais da censura impediam o uso explicito da infidelidade na trama, algo contornado pelo tom humorístico do filme. (REBOLLO, 2017, p. 102)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo procurou discutir o modo como o cinema a partir dos anos trinta constituiu noções de corpo, gênero e sexualidade, atento em relação a como uma produção audiovisual pode ser analisada em seu cenário histórico. Através do cinema, o Código Hays tentou uma normatização dos atos performativos de gênero, fabricando um ideal moral de como ser e viver. Quanto Mais Quente Melhor é um dos grandes exemplos dentro do universo cinematográfico de como não existe uma única forma, uma única essência de vida, explicando de forma sutil e bem humorada pelas figuras de Marylin Monroe e Jack Lemmon.

O cinema, como um grande instrumento de penetração social, imprime um discurso de verdade que vigorou na época em que o Código Hays atuou. Dessa forma temos um filme de comédia dialogando a respeito das diferenças entre masculinidades e feminilidades além do que é social e culturalmente convencional.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan.** Sobre los limites discursivos del sexo Buenos Aires: Paidós, 2008.

CARMO, Leonardo. **O cinema do feitiço contra o feiticeiro**. Revista Iberoamericana de Educação, Canoas, n. 32, p. 71-94, 2003.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **Ética, sexualidade, política.** Ditos & Escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FRIEDERICHS, Marta Cristina. **Quanto mais quente melhor: corpos femininos nas telas do cinema.** Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

GRAU REBOLLO, Jorge**. Antropología audiovisual: fundamentos teóricos y metodológicos en la inserción audiovisual en diseños de investigación social.** Barcelona: Bellaterra, 2002.

HADLEIGHT, Boze. **Las películas de gays de lesbianas: estrelas, diretores, personajes y críticos.** Barcelona: Odín, 1996.

LASALLE, Mick. ***Dangerous men:* pre-code Hollywood and the birth of the modern man.** New York: Thomas Dunne, 2002.

MASLON, Laurence. **Some Like It Hot The Official 50Th Anniversary Companion.** New York: Collins Design, 2009.

MORIN, Edgar. **As Estrelas: Mito e Sedução no Cinema**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

OLIVEIRA, Nice Rejane da Silva; MACIEL, Rodrigo José Rodrigues Maciel. **Cinema em Sala de Aula e os Potenciais de Aprendizagem.** In.: O ENSINO E A APRENDIZAGEM NA ERA DIGITAL UM PROCESSO MEDIADO PELAS TECNOLOGIAS. 1 ed. Santa Maria – RS: Arco Editores, 2021, pg. 200-213.

PETRY, A. R.; MEYER, D. E. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. **Textos & Contextos (Porto Alegre)**, v. 10, n. 1, p. 193 - 198, 14 jul. 2011.

REBOLLO, J. G. Antropología, Visualidad Y Refracción: Una Aproximación A Las Representaciones De Género En Hollywood Bajo El Código Hays (1940-1968) / ANTHROPOLOGY, VISUALITY AND REFRACTION: AN APPROACH ON GENDER

REPRESENTATIONS IN HOLLYWOOD CINEMA BY THE HAYS CODE. **Vivência: Revista de Antropologia**, v. 1, n. 50, 28 dez. 2017.

ROSE, Gillian. **Visual methodologies: an introduction to the interpretation of visual materials.** London: SAGE, 2001.

RUSSO, Vito. **The celluloid closet: homosexuality inte movies.** 1987.

VIGARELLO, Georges. **História da beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

REFERÊNCIAS FILMÍLCAS

VIDOR, Charles. **GILDA**. Culver City: Columbia Pictures, 110 min., 1946

HAWKS, Howard. **Jejum de amor** [HIS girl Fridy]. Culver City: Columbia Pictures, 92 min, 1940

WILDER, Billy. **Quanto Mais Quente Melhor** [Some Like It Hot]. Estados Unidos, 120 min, 1959.